



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO/HUÍLA  
ISCED-HUÍLA**

**A IMPORTÂNCIA DO ALAMBAMENTO NO CASAMENTO TRADICIONAL, NA  
ETNIA DOS OVIMBUNDU DO KUTENDA.**

*Autor: Tomás Mira Jamba Raúl*

Lubango

2022



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO/HUÍLA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**SECÇÃO DE HISTÓRIA**

A IMPORTÂNCIA DO ALAMBAMENTO NO CASAMENTO TRADICIONAL, NA ETNIA  
DOS OVIMBUNDU DO KUTENDA.

Trabalho apresentado para a obtenção do  
Grau de Licenciado no Ensino da História

***Autor: Tomás Mira Jamba Raúl***

***Orientador: Manuel Morais Sita, Msc***

Lubango

2022

## **Dedicatória**

Aos meus queridos pais, **Luciano Jamba** e **Maria Chilepa**, por tudo;

À minha esposa, Josefa Baptista e aos meus filhos, pela coragem e dedicação que deram para que este trabalho fosse um facto.

.

## Agradecimentos

Em primeira instância, a Deus, Todo-Poderoso, por me ter dado vida, saúde, força, coragem para entrar nesta árdua tarefa de formação até à elaboração deste trabalho;

Aos meus pais, Luciano Jamba (de feliz memória), e Maria Chilepa presente, não só me alimentaram com o leite materno e outros alimentos me ensinaram também, saber viver e conviver na sociedade;

Ao casal irmão Manuel Filipe Chilanda e Ester Augusto que me alimentam e orientam-me de filho desde 1987;

Ao meu orientador, Mestre **Manuel Morais Sita**, por estar sempre presente, auxiliando-me com muita dedicação e disponibilidade;

Ao meu professor, Luís Adriano de feliz memória;

Aos colegas do curso de História, turma de 2016 – Matala, especialmente ao Bernardo Lumbungululu, José Kessongo Kanguia, Manuel Furta Correia João, e ao José Mutunga Nangolo Chinhama, manifesto muito apressado a estes meus amigos que de forma directa ou indirecta contribuíram para que este trabalho fosse concluído;

A minha esposa Josefa Baptista, e os nossos filhos pela confiança e solidariedade demonstrada nos momentos menos fáceis que por vezes a vida nos reserva;

À direcção do Liceu Anexo do Kutenda, onde trabalho, pelo apoio, compreensão e disponibilidade concedida.

A todos que, directa ou indirectamente, ofereceram o seu calor humano para a concretização do mesmo.

O meu muito obrigado!



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO**  
**ISCED-HUÍLA**

Ao Exmo.

Senhor Director Geral para Área  
Científica do ISCED-Huíla

**DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Eu Manuel Morais Sita Docente com o grau académico de Mestre afecto à Secção de História, declaro ter orientado o Trabalho de Licenciatura do estudante Tomás Mira Jamba Raúl, município da Matala, cujo título é **A IMPORTÂNCIA DO ALAMBAMENTO NO CASAMENTO TRADICIONAL, NA ETNIA DOS OVIMBUNDU DO KUTENDA.**

O trabalho teve início em Julho de 2021 e terminou em Outubro de 2022, totalizando 15 meses.

Declaro ter cumprido as normas e regulamentos da Instituição. Assim, o trabalho cumpre requisitos científicos de elevada qualidade, na vertente académica, metodológica, ética e formal.

Lubango, 28 de Outubro de 2022.

O Orientador

---



## **INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO ISCED-HUÍLA**

### **DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Tenho Consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu TOMÁS MIRA JAMBA RAÚL, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-Huíla) do curso de ENSINO DA HISTÓRIA, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 28 de Outubro de 2022.

O Autor

---

## Resumo

O alambamento no casamento tradicional entre os africanos constitui uma abordagem de particular importância no contexto da antropologia, e a temática específica é de destacar e analisar o processo de alambamento, entre os *Ovimbundu* do Kutenda. No trabalho intitulado “a importância do alambamento no casamento tradicional, na etnia dos ovimbundu do kutenda” identificou-se como problema de investigação: Qual é a importância do alambamento no casamento tradicional, na etnia dos Ovimbundu do Kutenda? Para dar resposta a esta pergunta, traçou-se o seguinte objectivo geral: Descrever a importância do alambamento no casamento tradicional Na etnia ovimbundu na comuna de kutenda. Já os objectivos específicos foram os seguintes: i. Identificar a importância do alambamento e suas mudanças ao longo dos tempos; ii. Analisar os benefícios que os alambamentos têm contribuído no seio das comunidades rurais; iii. Fazer um quadro comparativo entre o alambamento realizado no casamento tradicional e o alambamento exigido no casamento civil; iv. Contribuir no conhecimento da essência de alambamento na sucessão de gerações na etnia *Ovimbundu* da Comuna do Kutenda; v. Caracterizar a importância do alambamento no grupo étnico-linguístico Ovimbundu da Comuna do Kutenda na actualidade. Para a elaboração do trabalho, um conjunto de métodos teóricos e empíricos foram utilizados. Entre os empíricos destacam-se: Análises e Síntese, Pesquisa Bibliográfica e Pesquisa Documental.

Delimitação do tema: o presente trabalho tem como abordagem « a importância do alambamento no casamento tradicional, na etnia dos ovimbundu do kutenda ».

Divisão do trabalho: o mesmo conta com a seguinte estrutura: Introdução, seguida por dois capítulos. No primeiro fizemos um enquadramento histórico, cultural e geográfico de kutenda; no segundo, destacámos a origem do alambamento nos Ovimbundu do Kutenda. Por fim, apresentamos as conclusões e sugestões.

Objecto de investigação: tendo em conta o problema de investigação, tem-se como objecto de estudo, o alambamento na etnia Ovimbundu de Kutenda.

Palavras-chave: Alambamento, Ovimbundu, casamento, tradição, etnia.

## **Abstract**

Alambamento in traditional marriage among Africans constitutes an approach of particular importance in the context of anthropology, and the specific theme is to highlight and analyze the process of alambamento, among the Ovimbundu of Kutenda. In the work entitled “the importance of alambamento in traditional marriage, among the Ovimbundu people of Kutenda”, the following research problem was identified: What is the importance of alambamento in traditional marriage, among the Ovimbundu people of Kutenda? To answer this question, the following general objective was outlined: To describe the importance of alambamento in traditional marriage in the Ovimbundu ethnic group in the commune of Kutenda. The specific objectives were the following: i. Identify the importance of alambamento and its changes over time; ii. Analyze the benefits that alambamentos have contributed within rural communities; iii. Make a comparative chart between the shaving done in the traditional marriage and the shaving required in the civil marriage; iv. Contribute to the knowledge of the essence of alambamento in the succession of generations in the Ovimbundu ethnic group of the Kutenda Commune; v. Characterize the importance of alambamento in the ethnic-linguistic group Ovimbundu of the Commune of Kutenda today. For the elaboration of the work, a set of theoretical and empirical methods were used. Among the empirical ones, the following stand out: Analysis and Synthesis, Bibliographic Research and Documentary Research.

Delimitation of the subject: the present work has as its approach « the importance of alambamento in traditional marriage, in the ethnicity of the ovimbundu of kutenda». Division of work: it has the following structure: Introduction, followed by two chapters. In the first one we made a historical, cultural and geographic framework of kutenda; in the second, we highlighted the origin of alambamento in the Ovimbundu of Kutenda. Finally, we present the conclusions and suggestions.

Research object: taking into account the research problem, the object of study is alambamento in the Ovimbundu ethnic group of Kutenda.

**Keywords:** Alambamento, Ovimbundu, marriage, tradition, ethnicity.



## **Listas De Siglas E Acrónimos**

INE: Instituto Nacional de Estatística;

FAPLA: Forças armadas para Libertação de Angola

MAT: Ministério da Administração do Território

## Índice

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA .....	iv
DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA .....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Listas De Siglas E Acrónimos .....	viii
0- Introdução.....	2
1- Motivação da escolha do tema .....	3
2- Importância Teórica e Prática .....	4
3- Revisão da Literatura .....	4
4- Definição de conceitos chave .....	6
5- Identificação do problema .....	7
6- Limitação do Tema .....	8
7- Formulação de hipóteses .....	8
8- População e Amostra .....	8
8.1- Amostra .....	8
9- Objecto e objectivos da Investigação .....	9
9.1- Objecto de Estudo .....	9
9.2- Objectivo geral .....	9
9.3- Objectivos específicos .....	9
10- Quadro metodológico.....	9
12- Estrutura do trabalho.....	11
CAPÍTULO I- O CONTEXTO GEOGRÁFICO E SÓCIO-CULTURAL DE KUTENDA .....	13
1.1- Localização Geográfica .....	13
1.2- Estrutura Administrativa.....	14
1.3- Estrutura política Administrativa da comuna do Kutenda.....	15
1.4- Divisão Administrativa do Distrito da Huíla .....	16
1.4.1- Estrutura Administrativa de Chicomba.....	16
1.4.1.1- A Comuna de Kutenda.....	16

1.5- Rede Hidrográfica .....	17
1.6- Origem do nome Kutenda.....	18
1.7- População, grupos etnolinguísticos e Cultura.....	19
1.8- Religião.....	22
CAPÍTULO II – A ORIGEM DO ALAMBAMENTO NOS OVIMBUNDU DE KUTENDA .....	25
2.1- A Origem do Alambamento nos Ovimbundu do Kutenda.....	25
2.2- O Alambamento nos Ovimbundu do Kutenda .....	28
2.3- O alambamento antes da colonização .....	29
2.4- Significado do alambamento .....	30
2.5- A importância do alambamento depois da colonização .....	31
2.6- O valor do alambamento hoje.....	32
2.7- Vantagens do alambamento tradicional no Kutenda .....	33
2.8- Desvantagens do alambamento tradicional no Kutenda .....	33
2.9- O alambamento na cultura Nhaneka-Humbi de Kutenda.....	34
2.10- Fases do alambamento tradicional na cultura Nhaneka-Humbi .....	36
Conclusões.....	40
Sugestões .....	41
BIBLIOGRAFIA.....	43

# **INTRODUÇÃO**

## **0- Introdução**

O alambamento no casamento tradicional entre os africanos constitui uma abordagem de particular importância no contexto da antropologia, e a temática específica é de destacar e analisar o processo de alambamento, entre os *Ovimbundu* do Kutenda.

Contudo, não havendo praticamente, estudos versados sobre os mesmos, enquanto grupo social com identidade própria, pareceu-nos útil proceder esta análise de reflexões sobre o alambamento. Embora seja assunto que tenha merecido já alguma discussão e tendo em conta aos hábitos e costumes do povo *Ovimbundu* que habitam desde longas datas no planalto central inicialmente e noutras regiões de Angola, o casamento tradicional antes de se efectuar, primeiro obedece alguns princípios e regras.

Pretendemos com este trabalho, falar sobre o alambamento, apresentar o seu conceito, bem como destacar algumas marcas que fazem distinguir do casamento convencional e do tradicional, aspectos exigidos no alambamento de ontem e hoje. “Quando o casamento é por noivado na primeira versão deste tipo de casamento os pais de um determinado rapaz vigiavam com muita cautela as mães grávidas, desde que sejam amigas ou do grau familiar, contactavam solicitando a criatura que se encontra no ventre, para que logo após o nascimento e crescimento, fosse tida como noiva do seu filho caso seja do sexo feminino; quando for do sexo contrário era considerado amigo de infância e lhe é dado o nome de um dos familiares do jovem que pretendeu a criatura no ventre” (Delgado, 1948).

Segundo Macai (2003), “na cultura *Nganguela* no primeiro contacto entre as famílias os pais faziam-se a entrega de uma coisa tal como: uma pele da cabra-de-mato, machado ou enxada, uma bola de cerra ou ainda tabaco. Utilizavam também como símbolo o óleo que usavam como vaselina chamada “Omasi” era manteiga de vaca, esfregando-a na gravidez, proibindo-a que ninguém a faça outro pedido de casamento, quem tentasse era sujeito a pagamento de grandes somas de coisas e artigos até animais. Nestes moldes, logo que a menina atingisse os 9, 10 ou 11 anos de idade passava a viver com o noivo, para adaptar-se dos costumes, rituais de dona de casa, prestando ligeiros trabalhos mas que não era admitida passar

noites com o marido. Dormia com a Avó, tia ou irmã do marido que também não tenham maridos”.

Altuna (1993) “diz que casamento por noivado é aquela que se pretendia fazer a uma menina já nascida mas não tenha uma idade superior a 10 anos. Para esse caso, os pais dum jovem lançavam espiões na família mais chegada tanto da parte paterna como materna para observar uma linda menina a servir de futura noiva do seu filho, este assunto passava necessariamente dos primeiros contactos com o seu filho, para saber dele se estaria em altura de casar, como também nas suas habilidades”.

Terminando estes factos, passavam a segunda fase que é de determinar se na família a que se pretendem buscar a mulher, havia ou não algum problema entre as gerações, não havendo seguia-se o contacto entre pais.

### **1- Motivação da escolha do tema**

A escolha de um tema de investigação, constitui-se como reflexo de um conjunto de informações e experiências adquiridas ao longo de um percurso académico e no quotidiano, com as quais nos identificamos e suscitam uma série de preocupações que de uma ou de outra forma carecerão de uma atenção, ao ponto de que façamos algo no sentido de percebermos ao pormenor tal situação.

A selecção do tema **a importância do alambamento no casamento tradicional, na etnia dos *ovimbundu* do kutenda**. Para o nosso trabalho não foi simples facto, mas um resultado das experiências vividas nas sociedades rurais. Outro facto, está relacionado com o fraco conhecimento do mesmo por parte das novas gerações, pois que actualmente pouco se fala sobre o alambamento tradicional na etnia dos *ovimbundu* de Kutenda.

Hoje falar da importância do alambamento no casamento tradicional do grupo etnolinguístico *Ovimbundu*, implica necessariamente fazer referência a essência da sua identidade cultural que reside naquilo que assegura a validade das suas leis e normas dentro das comunidades, assim como hábitos e costumes que constituem a base da unidade dos grupos humanos ou sociedades, a partir dos exemplos dos

seus ancestrais que são transmitidos por meio de oralidade e experiências acumuladas. É bem certo que os angolanos e especialmente a região em estudo, possui um déficit de originalidade cultural devido aos movimentos migratórios e cruzamentos destes, fruto da assimilação, aculturação, globalização e colonização.

É a nossa tarefa demonstrar ao mundo que ela possui gente desde os tempos remotos e a História é a obra dos homens, ao longo do tempo. Onde há povo, há realizações, há manifestações e conseqüentemente, há valores históricos. Ali assenta o nosso interesse, porque qualquer sociedade tem uma cultura e a cultura não se deve relegar ao esquecimento.

A pouca importância e divulgação que se tem dado a respeito da temática, motivou-nos a propor a abordagem do presente estudo. Por outro lado, visa também, a elaboração de uma monografia a ser apresentada como condição para obtenção do grau de licenciatura em ciências da educação, ensino da História.

## **2- Importância Teórica e Prática**

**Na vertente teórica**, o tema visa inculcar na mente de toda camada estudantil e gerações actuais, os passos e requisitos necessários para efectuar o casamento tradicional no verdadeiro sentido.

**Já na versão prática**, visa a elaboração de um texto para servir de consulta para todos os estudantes e sociedade em geral de maneiras a facilitar a compreensão da importância do alambamento.

## **3- Revisão da Literatura**

O presente tema, não sendo pioneiro, será desenvolvido tendo por base estudos realizados por diversos autores, graças os quais nos foi possível analisar e ter referências das características e delimitação do fenómeno; por outro lado, é pela importância que a abordagem do tema já mereceu.

Assim, procuramos consultar os seguintes autores:

Segundo Bahu (2013), na sua obra os quadros angolanos em Portugal, diz que é importante fazer uma breve análise sobre a compensação matrimonial, porque

existe em muitas sociedades o costume de trocar presentes antes do casamento. Esta compensação consiste na entrega de alguns bens a família da noiva como: tecidos, bebidas e animais.

Melo (2007), afirma que os *Handa* apesar de constituírem uma população matrilinear, são as mulheres que deslocam-se do “*Eumbo*” dos seus pais para se juntarem ao lado do homem dos seus pais ou do tio materno do marido, procurando adaptar-se a nova realidade e ajustar os seus defeitos e feitos.

Batsikama (2017), diz que o alambamento ainda não condiciona o estado civil do alambador e da alambada, quando na verdade tem um valor jurídico igual ao casamento.

O casamento tradicional no grupo etnolinguístico *Ovimbundo* é a realização do enlace matrimonial tradicional, parte do profundo conhecimento das tribos já pertencentes aos dois jovens que se vão unir. Depende dos laços existentes a partir dos antepassados (Quiamesso, pp.385-386).

Macaí (2003), afirma que o casamento tradicional do povo *Nganguela*, consiste que os de um determinado jovem, que naquela altura muito se chamava de rapaz, vigiam cuidadosamente as mães grávidas, pessoas amigas ou do grau familiar, a essas contactavam solicitando a criatura que se encontra no ventre, para que logo após o nascimento e crescimento fosse tida como noiva do seu filho caso seja do sexo feminino. Antes Porém davam um alambamento inicial ou antecipado comportado em caneca que tinha um grande significado na tradição, a qual se denomina “*ciliso*” biberão, enxada “*litemo*” ou machado “*ngumbu*” que tinha como significado mulher do alambamento “*mpueno ua litemo*”.

Segundo Barroso e Cunha (2017), o alambamento tem origem na língua *kimbundu* e, mais tarde, foi aportuguesado para “alambamento”. De acordo com Mbambi (2014, p. 2), «o alambamento é um neologismo criado pelos angolanos para preencher a lacuna verificada na língua portuguesa para designar *ovilombo* (pedido de casamento) em *umbundu*».

Segundo ele o termo «*ovilombo* surge do verbo *okulomba* que significa pedir em português».



O primeiro, como vimos, diz-nos que o lexema "alambamento" surgiu na língua *kimbundu*, mas o segundo sugere que se trata de um lexema novo criado pelos angolanos para colmatar o vazio deixado pela lexicologia portuguesa, pelo simples facto de não possuir um lexema que refletisse aquela realidade portuguesa.

Conforme Baviáquia (1976), o alambamento é um contracto bilateral, e solene pelo qual o homem e a mulher se unem indissolavelmente e as suas relações sexuais são legalizadas, estabelecendo uma estreita comunhão de vida e de interesses como o compromisso de criar e educar a prole que nasce de ambos.

Para a sociedade angolana assim como na maioria dos países africanos a procriação é o principal objectivo do casamento, tal condição é fomentada numa espécie de preparação que ocorre quando os meninos ainda estão na fase da puberdade conhecido como iniciação na tradição africana a ideia de não ter filhos é considerada como um factor negativo ou até mesmo maldição (Baviáquia, 1976, p.59).

O alambamento na minha óptica é um ritual mais importante que o casamento, e é muito importante que todo homem passe por isso (Osvaldo, 2011).

Hacker (2012), discordando da opinião de Osvaldo, disse: você é um louco queres que trocam a sua filha por 20 grades de cerveja e gasosa, mais 500 dólares na carta, se for assim não adianta mais conversar com a sua filha, pego os meus 500 dólares vou dar directamente no pai e digo vim comprar a tua filha.

Portanto dando a nossa opinião, as versões sobre o alambamento são várias. Uns vêem-no como um casamento tradicional; outros, porém, chegam a vê-lo como um pedido para a ligação matrimonial.

#### **4- Definição de conceitos chave**

**Importância:** Sinonimamente é: valor, relevância, mérito, interesse, dimensão, magnitude, glória, conta, valia, destaque, gravidade, seriedade, custo, etc. (Dicionário informal sobre o português, p.79).

**Alambamento:** segundo Altuna, é a cerimónia tradicional na cultura angolana não só. É o segundo passo depois de apresentação do noivo na família da mulher. É o momento em que se entrega os dotes exigidos pela família da futura esposa,

acompanhada de comidas, bebidas, música e conselho de ambas as partes dirigidas aos noivos.

**Casamento:** é um vínculo estabelecido entre duas pessoas, mediante o reconhecimento governamental, cultural, religioso ou social e que pressupõe uma relação interpessoal de intimidade, cuja representação arquetípica é a coabitação, embora possa ser visto por muitos como um contrato, normalmente, é marcado por um acto solene (Fernando, 1993, p.57).

**Tradição:** do (latim *traditio*, *tradere* o que vale entregar, passar adiante), é a continuidade ou permanência de uma doutrina, costumes e valores de um grupo social. A nível da etnografia, tradição revela um conjunto de costumes, comportamentos, memórias, crenças, lendas, música, práticas, doutrinas e leis que são transmitidas para pessoas de uma comunidade sendo que os elementos passam a fazer parte da cultura.

Segundo o **M.A.T** (2003) **Tradição** é tudo o que persiste de uma cultura, geralmente é de longa duração.

**Etnia:** etimologicamente vem do grego (**Ethnos**) significando povo que tem o mesmo costume, incluindo língua, raça, religião, etc. É uma categoria de pessoas que se identificam mutuamente, geralmente com base em uma genealogia ou ancestralidade comum presumida ou em semelhanças de língua, história, sociedade, cultura ou nação em comum (Ghasariam, 1999).

## **5- Identificação do problema**

Analisamos a História da população da Huíla em particular do Município de Chicomba, na Comuna do Kutenda vimos que a organização sociocultural dos povos nativos, tem originado diversos problemas e opiniões no processo do alambamento do povo *Ovimbundu* que encontra-se naquela localidade, devido os hábitos e costumes e a diversidade cultural de outros grupos etnolinguísticos.

Como se sabe, toda a investigação parte sempre de um problema que consiste em mostrar uma nova descoberta ou dar segmento a um estudo inacabado, para o tema propusemos, formular a seguinte questão de pesquisa: *Qual é a importância do alambamento no casamento tradicional, na etnia dos Ovimbundu do Kutenda?*

Nesta perspectiva, reflectimos que o tema proposto pode facultar um contributo na solução deste problema e consequentemente, ser gerador de conhecimentos do assunto.

## **6- Limitação do Tema**

O presente trabalho, tem como abordagem «A Importância de Alambamento no Casamento Tradicional na Etnia dos Ovimbundu do Kutenda».

## **7- Formulação de hipóteses**

Tratando-se de um trabalho basicamente descritivo, não formulamos quais quer hipóteses.

## **8- População e Amostra**

População, é um conjunto de pessoas ou elementos com as mesmas características, a quem se pretende generalizar os resultados (Coutinho, 2013, p. 89).

Para o êxito do nosso trabalho, contaremos com apoio da administração Comunal do Kutenda; assim como a classe estudantil, anciãos e autoridades tradicionais.

### **8.1- Amostra**

Amostra, é um conjunto de pessoas ou elementos de quem se recolherão os dados e deve ter as mesmas características da população de onde foi extraída (Coutinho, Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática, 2013, p. 89). Assim, a amostra será seleccionada de forma aleatória entre 43-45 participantes, entre alunos que estejam a fazer a 12<sup>a</sup> classe, anciãos e autoridades tradicionais.

## **9- Objecto e objectivos da Investigação**

### **9.1- Objecto de Estudo**

Temos como objecto de investigação o alambamento na etnia *Ovimbundu* de Kutenda.

### **9.2- Objectivo geral**

Descrever a importância do alambamento no casamento tradicional Na etnia *ovimbundu* na comuna de kutenda.

### **9.3- Objectivos específicos**

Em função do objectivo geral, almejamos, com o presente trabalho, atingir os seguintes objectivos específicos:

- ❖ Identificar a importância do alambamento e suas mudanças ao longo dos tempos.
- ❖ Analisar os benefícios que os alambamentos têm contribuído no seio das comunidades rurais.
- ❖ Fazer um quadro comparativo entre o alambamento realizado no casamento tradicional e o alambamento exigido no casamento civil.
- ❖ Contribuir no conhecimento da essência de alambamento na sucessão de gerações na etnia *Ovimbundu* da Comuna do Kutenda.
- ❖ Caracterizar a importância do alambamento no grupo étnico-linguístico *Ovimbundu* da Comuna do Kutenda na actualidade.

## **10- Quadro metodológico**

### **Métodologia e Técnicas**

Em investigação científica, a metodologia é o conjunto de regras ou métodos que permitem atingir os objectivos traçados num processo de pesquisa e dar resposta as questões de partida. Assente num processo de construção de conceitos e sua

descrição a partir dos sujeitos e visa conhecer os contextos onde ocorre (Martins, 2010).

Neste trabalho, para cumprirmos com os objectivos traçados usaremos os seguintes métodos: Histórico, Comparativo, Funcionalista, Pesquisa Bibliográfica e Levantamento.

**Método Histórico:** partindo do princípio de as actuais formas de vida social, as instituições e os costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma actual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época (Marconi & Lakatos, 2011,p.93).

**Método Comparativo:** considerando que o estudo das semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos, contribui para uma melhor compreensão do comportamento humano, este método realiza comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método em causa é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento (Marconi & Lakatos, 2003, p.71).

**Método Funcionalista:** este método considera, a sociedade como conjunto de indivíduos (Marconi & Lakatos, p. 55).

**Método de Pesquisa Bibliográfica:** este método permite utilizar o material já publicado, constituído principalmente de livros e aquele disponível na internet (Silva & Menezes, 2005, p.23).

**Método de Levantamento:** este método permite fazer perguntas directas à pessoas cujo comportamento se deseja conhecer (Silva & Menezes, p.93).

## **11-Técnicas de investigação**

**Inquérito:** permite-nos ter informações precisas acerca do nível de conhecimentos sobre o assunto em estudo (Marconi & Lakatos, 2003, p.59).

Formularemos um questionário para os nossos entrevistados, após ser lido e preenchido, teremos dados acerca do nível de conhecimento do tema em estudo.

**Entrevistas:** permite-nos à estabelecer uma confrontação de conhecimentos que os entrevistados apresentarão sobre o assunto em estudo (Marconi & Lakatos, 2003, 75).

## **12- Estrutura do trabalho**

O presente trabalho, além de vir a comportar uma introdução, na sua parte inicial, assim como as conclusões e recomendações na sua parte final, terá a seguinte estrutura:

**Capítulo I Generalidade sobre os *Ovimbundu* de Kutenda**, onde pretendemos abordar, de modo geral a localização geográfica; a problemática da genealogia e a nomenclatura de Kutenda, com maior destaque as manifestações socioculturais desse povo.

**Capítulo II Panorama do funcionamento do alambamento no casamento tradicional na etnia *Ovimbundu*, do Kutenda** neste, iremos fazer uma abordagem sobre a importância do alambamento no casamento tradicional na Comuna do Kutenda em Chicomba, a influência sociocultural que o alambamento exerce nas comunidades rurais assim como os aspectos similares e dissimilares com o estado.

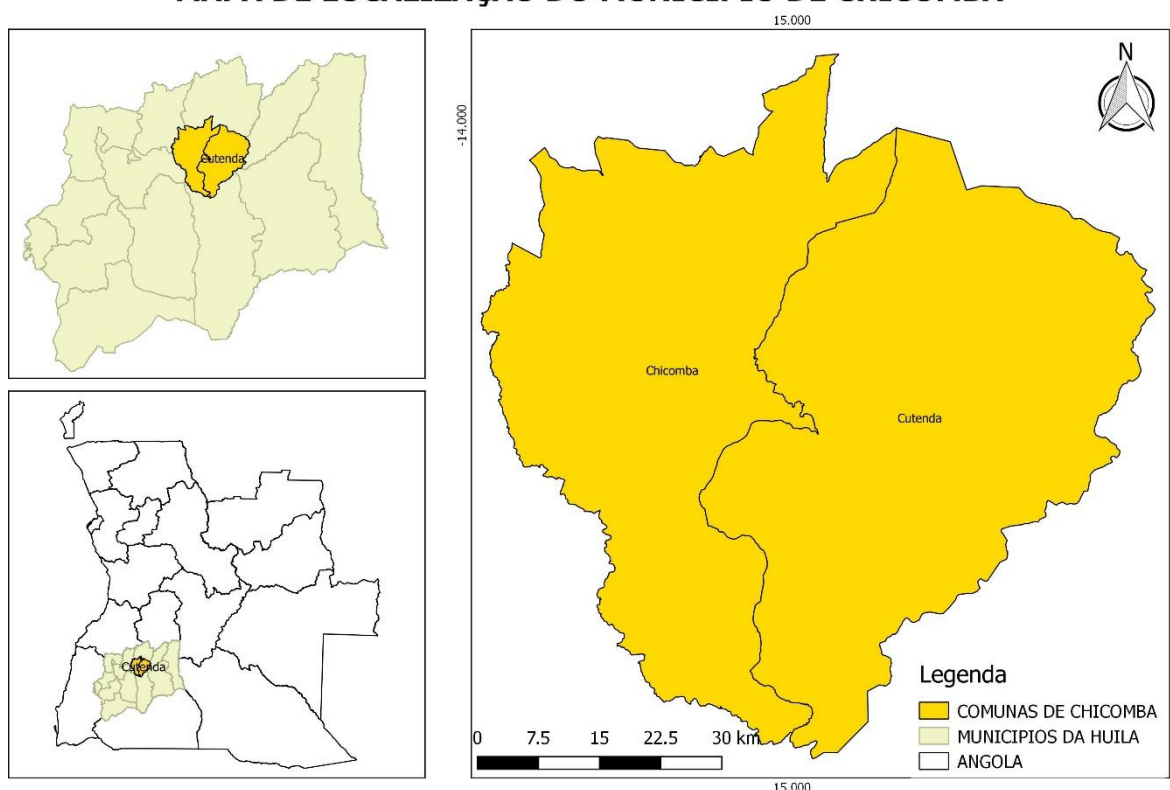
**CAPÍTULO I- O CONTEXTO GEOGRÁFICO E SÓCIO-CULTURAL  
DE KUTENDA**

## CAPÍTULO I- O CONTEXTO GEOGRÁFICO E SÓCIO-CULTURAL DE KUTENDA

### 1.1- Localização Geográfica

A comuna de Kutenda situa-se ao sudoeste do município de Chicomba, possui uma extensão de 1.443 km<sup>2</sup>, limitada a Norte pela comuna do Libongue, a Sul com o município da Matala, a Leste pelas comunas do Micosse (Matala) e Dongo (Jamba) e a Oeste pelas comunas do Quê e Chicomba-sede.

### Mapas de Localização e Divisão Administrativa Província da Huíla - Chicomba. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHICOMBA



Fonte: INE, 2014.

Kutenda possui um clima húmido e moderável. A sua ecologia depende do comportamento da conservação da flora em vários aspectos, quando há maior densidade populacional que domina a agricultura de sequeiro também aparece a diminuição da flora e logo origina a ecologia devido o devastamento de árvores, grande desenvolvimento desfavorece a ecologia climática devido a rarefação atmosférica. Logo Kutenda sofre esta decadência do tempo, momentos de



muitas chuvas ora de poucas chuvas (Administração comunal do Kutenda, 2017).

Parafrazeando a população desta localidade a maioria é camponesa, o que é característico do povo bantu, prática esta que tem garantido a sobrevivência destes a milhares de anos, tal como reza o euforismo histórico os bantu dominaram os outros povos devido a prática da agricultura e o domínio do ferro.

A população está estimada em 40.847 habitantes, destes 21.788, são mulheres de acordo os resultados da operação censitária de Maio de 2014; distribuída em 141 aldeias e povoações sendo: Kutenda-sede, Kambandje, Tchitápua, Cherequela, Nondumbo, Luceque e Fazenda-Tomba. A mesma está representada pelo poder tradicional organizado em 4 sobas grandes e 33 mirinhos.

## **1.2- Estrutura Administrativa**

A Administração Comunal do Kutenda está estruturada da seguinte forma:

- 1- Órgão de direcção:
  - a) Administração Comunal;
  - b) Administradora Comunal Adjunta.
- 2- Órgão de apoio Consultivo;
  - a) Conselho comunal de Auscultação da comunidade.
- 3- Serviços de Apoio:
  - a) Secretaria da Administração.
- 4- Serviços de Apoio Instrumental;
  - a) Gabinete do Administrador Comunal;
  - b) Gabinete da Administradora Comunal Adjunta;
- 5- Serviços Executivos Desconcentrados:
  - a) Coordenação Escolar Comunal;
  - b) Centro de Saúde Comunal;
  - c) Secção dos Serviços Comunitários;
  - d) Secção dos Assuntos Económicos, Produtivo e Social;
  - e) Secção dos Registos e Modernização Administrativa (Decreto executivo nº 8/20 de 13 de Janeiro).

### **1.3- Estrutura política Administrativa da comuna do Kutenda**

A Administração Comunal do Kutenda, compreende os seguintes órgãos e serviços:

Órgãos de direcção:

- 1- Administrador Comunal, António Chiloia Hamuyela Canivete;
- 2- Administradora Comunal Adjunta, Maria Isabel António.

Órgãos de apoio Consultivo:

- 1- Conselho Comunal de Auscultação da Comunidade.

Serviços de Apoio Técnico e Executivo:

- 1- Secretária Geral e Recurso Humanos, Daniel Glória Chivela;
- 2- Secção dos Serviços Comunitários, Fiscalização e Controlo, Bento Ndala;
- 3- Secção dos Assuntos Económicos, Produtivos Sociais, João Baptista Dangala;
- 4- Secção dos registos e Modernização Administrativa, Simão Pedro Mueletchalo.

Serviços de Apoio Instrumental:

- 1- Chefe de Gabinete do Administrador Comunal, Pedro Nangolo Tchivando;
- 2- Secretário de Gabinete do Administrador comunal, Marcos Tavares Lengo;
- 3- Motorista do Gabinete do Administrador Comunal, Mauro de Fátima Ferreira;
- 4- Secretária do Gabinete da Administradora Adjunta, Francisca Bimbi Gomes;
- 5- Motorista do Gabinete da Administradora Comunal Adjunta, Pedro Filipe Miguel.

Serviços Executivos Desconcentrados:

- 1- Coordenação escolar Comunal, Bernardo Yuri Vimbi Mário;

2- Centro de Saúde Comunal, Manuel José Cayovo (Administração Comunal do Kutenda, aos 04 de Março de 2022, pelas 11 horas).

#### **1.4- Divisão Administrativa do Distrito da Huíla**

##### **1.4.1- Estrutura Administrativa de Chicomba**

###### **1.4.1.1- A Comuna de Kutenda**

O concelho de Chicomba compreende as áreas dos postos administrativos da Sede e da Cutenda; o posto da Sede, com sede em Chicomba, tem os seguintes limites:

O curso do rio Quinavo (ou Cuinavo) desde a confluência do rio Sassimba até a confluência do rio Gúnio; do curso do rio Gúnio até à sua nascente; a linha que une as nascentes dos rios Gúnio e Babaera; o curso do rio Babaera desde a sua nascente até á confluência do rio Timboto; a linha que une esta confluência à nascente do rio Hulo; o curso deste rio à sua confluência no rio Catapi (ou Cuunje); o curso do rio Catapi (ou Cuunje) até à confluência do rio Quequele; o curso deste rio até à sua nascente; a linha que une as nascentes dos rios Quequele e Mucuio; o curso do rio Mucuio desde a nascente até à sua confluência com o rio Caliongo; o curso do rio Caliongo até à sua confluência com o rio Câmia (ou Cape) o curso deste até a sua confluência ao rio Qué; o curso do rio Qué desde a confluência do rio Câmia (ou Cape) até a confluência do rio Camucuio; o curso do rio Camucuio até a sua nascente; a linha que une a nascente do rio Camucuio à confluência do rio Lumba no rio Selem; o curso do rio Lumba até à sua nascente; a linha que une a nascente deste rio à nascente do rio Chicuandi; o curso deste rio à sua confluência com o rio Cué, o curso do rio Cué até à confluência do rio Capanga; o curso deste rio a sua nascente; a linha que une as nascentes dos rios Capanga e Chinuangolo; o curso do rio Chinuangolo até a sua confluência no rio Chiumba; a linha quebrada que une esta confluência o vértice geodésico secundário Chindurulo (Cota 1488, p 40).

As nascentes dos rios Cateca e Chiresso; o curso do rio Chiresso até á sua confluência no rio Catapi (ou Cuunje); o curso deste rio até a sua confluência do rio Calépi; o curso deste rio até à sua nascente; a linha quebrada que une a nascente Calépi a nascente do rio Carilongue e a confluência do rio Chinguanja e Cassombo; o curso do rio Cassombo até à sua confluência no rio Lossol; o

curso deste rio até à sua nascente; a linha que une o curso do rio Lossol à confluência do rio Sassimba no rio Quinavo (ou Cuinavo)<sup>1</sup>.

O posto da Cutenda, com sede em Cutenda, tem os seguintes limites:

A linha quebrada que une a nascente do rio Babaera às nascentes dos rios rios Cucala, Puma, Chingolonga, Luapanda, Chinguenda, Tubi e Nongue; o curso do rio Nongue até à sua confluência no rio Cunene; o curso deste rio até à sua confluência do rio Qué; o curso do rio Qué desde a sua confluência no rio Cunene até a confluência no rio Câmia (ou Cape); o curso do rio Câmia (ou Cape) até a confluência do rio Caliongo; o curso deste rio até a confluência do rio Mucuí; o curso do rio Mucuí até a sua nascente; a linha que une a nascente do rio Mucuí à nascente com o rio Quequele; o curso deste rio a sua confluência com o rio Catapi (ou Cuunje); o curso do rio Catapi (ou Cuunje) até à confluência do rio Hulo; o curso deste rio até á sua nascente; a linha que une a nascente deste rio Hulo à confluência do rio Vimboto no rio Babaera; o curso do rio Babaera até a sua nascente.<sup>2</sup>

### **1.5- Rede Hidrográfica**

A comuna é investida em recursos hídricos com rios de menor dimensão como: rio Kuvundje, Quê, e rio Kutenda, esses confluenciam em desabocamento no rio Cunene formando a bacia hidrográfica deste.

De referir que a comuna possui recursos naturais como, a madeira de: Muvandje, Girassonde, Mussamba, pau-ferro, capim aquático e sequeiro, canissais e mel, frutas silvestres, possui uma rica flora onde habitam animais aquáticos e selvagens. Alguns recursos minerais ainda encontram-se em prospecção.<sup>3</sup>

---

1 Divisão Administrativa Do Distrito da Huíla, (Extracto do Boletim Oficial de Angola, I.S.Nº290 de 13 de Dezembro de 1971, Suplemento Portaria nº 17503 de 12 de Fevereiro 71, p.12).

2 Divisão Administrativa Do Distrito da Huíla, (Extracto do Boletim Oficial de Angola, I.S.Nº290 de 13 de Dezembro de 1971, Suplemento Portaria nº 17503 de 12 de Fevereiro 71, p.12).

<sup>3</sup> 3-Relato dado pela Adjunta, Maria Isabel António, às 12 horas do dia 9 de Maio de 2021.

Concluimos que a comuna do Kutenda, possui recursos minerais o que pode garantir o investimento da mesma para futuros projectos locais, o que pode garantir na evolução da localidade e que se vir a tornar-se na categoria de Município.

### **1.6- Origem do nome Kutenda**

Segundo fontes orais históricas, para além do aparecimento do chamado Mule, finalmente a origem onomástica do nome é do caçador que apareceu na mesma década da etnia *Nhaneca-Humbi* não se sabe a sua proveniência.

Mas este centralizou a actividade de grande caça chamou-se do Kutenda, por ter grande poderio de caça selvática e que chamou-se Ex-Chitenda, que significa *Katyitendiwa* (incontável) e foi atribuído este nome ao rio diante da vila bem como a própria sede.

O soba grande Cambuta, representante das autoridades tradicionais da Comuna do Kutenda e investigador de casos tradicionais, disse que “foi um caçador que fundou a sede da Comuna antes da presença europeia. O resultado que obtinha na caça era incontável (Ex-Chitenda) que significa em Umbundu, *Katchitendiwa*”.

O administrador emérito do Kutenda, Fernando Gomes explica que, desde a sua permanência como cabeça da Comuna há anos, nunca conseguiu encontrar dados finais sobre o fundador, as informações que lhe chegavam apontavam para um caçador, sendo o fundador da Comuna do Kutenda.

Segundo o ancião da Comuna do Kutenda, Ndjambi nascido em 1920 no Kutenda, informa que o seu pai vinha da Embala do Hulu, aldeia pertencente a Comuna sede de Chicomba, à leste do rio Cuvunge em 1915 para a área do Kutenda, deixou a seguinte explicação sobre a fundação da Comuna do Kutenda:

“O primeiro branco a chegar aqui no Kutenda vinha do Otchakati- Namíbia, chamado Nanga – ya – feko, caçador da etnia Kahona. Entre 1916 e 1919, apareceu o segundo caçador chamado Kalungulungu, acompanhando o Nanga – ya – feko ambos da mesma área e do mesmo grupo étnico. O terceiro que apareceu no Kutenda vinha de Benguela, na região de Caimbambo, negociante ambulante de artigos de pouco valor, chamado de Musolovela. O quarto negociante que apareceu no Kutenda, foi um proveniente da Província do

Huambo, no Município de Caála, de nome Candjila, este foi quem construiu a primeira casota de vendas, tinha como seus gerentes: Tchindukutu e Kasuanga”.

José Caivala, antigo combatente das F.A.P.L.A e actual secretário do gabinete do chefe do Sector informa que, antes do senhor Maltez erguer a sua construção no Kutenda, já havia casotas de vendas.

Nessa altura foi prematura a presença dos colonizadores e a chegada dos missionários.

Finalmente depois destes foi quando surgiu o comerciante branco que juntou-se com os indígenas chamado João Maltez que construiu as casas definitivas do Kutenda, com os seus gerentes Ívo e Kafome, provenientes da Província do Huambo no Município de Caála.

Posteriormente foi quando possível apareceu a Administração colonial que se chamou Posto Administrativo da liderança do Sr. Pio, Negro tempo já recuado que cumpriu com a orientação suprema de criar a dominação ao negro autóctene de impor a discriminação de impostos administrativos, contratos e escravagistas e outros convênios contra o negro e expressão.<sup>4</sup>

Em conformidade com o parágrafo supracitado, o colono português implementou os postos administrativos para conseguir tirar ou cobrar impostos aos indígenas, trabalhando com as autoridades tradicionais como sobas e seculos que serviam de intérpretes juntos dos nativos, isto fez com que saqueassem as matérias-primas, tornando os indígenas seus súbitos e trabalhassem para eles sem salários explorando a sua força de trabalho enquanto enriqueciam suas metrópoles, política do mercantilismo.

### **1.7- População, grupos etnolinguísticos e Cultura**

Antes dos europeus as comunidades desta comuna estavam em dispersão de organização de reconhecimento topônimo territorial, não se julgavam o seu reinado por etnias nem clãs, viviam em pequeníssimas famílias intercaladas em

---

<sup>4</sup> Tchaunda, reformado da Administração comunal de Kutenda, dia 3 de Março de 2021 às 9horas.

cada 10 à 15 kilometros sem colaboração. Viviam em modo solitário e desconfiável uns aos outros (Mukendjo, regedor 3 de Maio de 2021 às 10 horas).

A povoação sede é caracterizada no âmbito da série cultural de tradição oral, afluído pelas línguas locais, *Humbi-Bambo*, *Tchokwé*, *Umbundu-Pembe*, *Nganguela* e *Nhemba* em pequena escala ao leste da comuna.

Concordamos com o parágrafo acima, os africanos desde tempos imemoriais viviam em confederações uns distantes dos outros como os reinos de Matamba, Cassange, Ndongo e vários outros reinos, isto fazia quem fosse derrotado numa guerra com o outro reino tornava-se vassalo deste passando a dar tributo ao vencedor e ser submisso ao reino vencedor.

O casamento nos *Ovimbundu* de Kutenda era sagrado entre rapaz e uma rapariga desde tenra idade, os pais do rapaz iam ao encontro dos pais da menina pedir consentimento sendo pessoas de comunhão de confiança e interagiam o pedido que se chamou de *Okupopefa*, (primeira fase de encontro das duas famílias a favor do futuro namoro de seus filhos), passando algum tempo organizavam os meios propícios de alambamento, bebidas típicas numa quimbala de açúcar, um valor em dinheiro de 50 ou 100 escudos. Com toda vênia e responsabilidade, confiando na economia de criação do gado bovino.

Daí era inadiável o casamento e assim efectuam, quase todas etnias centrada na comuna. Após de tudo davam uma cabeça de gado, entre cabritos, aguardente típico, macau e por aí danças tradicionais e estava-se aliado o casamento certo e confiante.

Como afirma (Sapalo, 2001), o casamento entre *Ovimbundu* a mulher e o homem formam um novo agregado reforçam a amizade e aliança entre famílias, tribos, reinos e amigos. Esta aliança que se forma entre os dois grupos familiares constitui o núcleo das relações profundas das famílias.

Concordamos com Sapalo, o casamento une as duas famílias, pois que quando haver um problema estes encontram-se como: a infertilidade no casal, festas, óbitos e vários outros. De salientar que na cultura *Umbundu* por mais que o casal venha a separar-se e um dos familiares vir a encontrar-se com outro cumprimentam-se, pois o que lhe une são os filhos resultantes desta relação, como reza um ditado ser cunhado nunca acaba.

Em fabrico cultural, a população desde tempos remotos é dividida em etnias, que predominam a arte da olaria, celeiros de capim com cordas de casca de árvores, pisão, almofariz, cabos de enxadas, machados, fôlegos de ferreiros metais de fabrico de instrumentos do campo, zagaias, lanças para defesa dos agresores e caça, balaios, batuques, colmeias, cortiços cantins de arbáceas da sementeira do campo e outros.

A literatura dos povos bantu desta localidade prevalece músicas predominantes como:

- *Humbi-Bambo*- Ovindjomba, o Londongo - que são danças com os passos coreográficos, em grupos e singulares ou particulares frente em frente ou em filas redondas; Otchiwangawanga, Mangongo e Onienga
- *Tchokwe*- Tchitungo (águia de Corvo), Tchilunga, Mangongo, Tchiponde e Caneta.
- *Nhemba*- Vingandji (festa de circuncisão de rapazes); Mapwita (festa onde participam homens e mulheres); Mwivandje(festa de puberdade feminina), onde usa-se os instrumentos como: Ngomas, Sassi e sacalhos.

Instrumentos musicais destes povos: Õngoma (batuque), Kalombueti, Nonkhendjingo, Onotchenda e apoio de palmas.

Dando o nosso contributo o povo bantu sempre foi eufórico manifestando a sua alegria através de danças e canções para agradecer os espíritos do além, a título de exemplo quando o resultado da caça fosse positivo, quando chegassem na aldeia comemoravam com danças e canções. Também podia acontecer o contrário se o resultado da caça fosse negativo fazia-se cerimónia para consolar os espíritos para que tudo viesse a correr bem.

A vida económica na comuna de Kutenda caracteriza-se na agricultura artesanal, predominantemente com a atracção animal e no domínio do mercado informal e formal onde prevalece de produtos do campo para o mercado informal e cruzando-se as permutas do campo para as vilas mais carenciadas, no domínio útil consuetudinário.

A maioria da população é camponesa, dedica-se no cultivo de cereais como o milho, massambala, massango e mandioca em pequena escala. Também



cultivam o feijão, genguba e gengibre, existe a predominância de hortícolas como; couve, repolho, tomate, cebola, alho, e outros legumes. Outras actividades adicionais estão a caça, a apicultura e a pesca artesanal.

No Kutenda encontramos 4 grupos etnolinguísticos sendo: *Nhaneka-Humbi, Umbundu, Tchokwe e Nhemba*.

### **1.8- Religião**

A religião foi um processo pouco vacilante, sendo que a junção do jugo colonial português esteve como palco na fase primária a igreja Católica, em actividades esporádicas e depois a protestante, um pouco recente a Igreja do 7º dia Adventista e outros missionários.

Parafraseando como se sabe os portugueses, quando chegaram em África alegavam que vieram trazer o nome de Deus usando os missionários para conversão do povo ao Cristianismo e Kutenda não ficou de parte na chegada destes missionários.

Falando da religião em África, antes dos Europeus terem chegado, os africanos tinham alguns ídolos, onde depositavam toda confiança para sua cura, proteção das doenças e das dificuldades que os assolavam, esta mesma que é chamada por *animismo*.

O ancião Jamba de 92 anos, afirma que “o poder do ídolo viabilizava as dificuldades de viajar, não era necessário o transporte a motor, mas sim o poder mágico”. Logo a população do Kutenda não está fora destes acontecimentos.

A associação tradicional do Kimbandeiros e Terâpeutas do Kutenda, conta com 14 membros documentados, que passamos aqui a elencar:

- 1- Alberto Cassinda, localizado na comuna sede, bairro Candão 4;
- 2- Alberto Sapalo, localizado na aldeia de Chimanha;
- 3- António Chipinga, localizado na aldeia de Chitacala;
- 4- Delfina tchitico, localizada na aldeia de Chitacala;
- 5- Eduardo Francisco, “*Tchakuta-Kombe*”, localizado na aldeia de Chitacala;
- 6- Emília Naindji, localizada na comuna sede, bairro Kalombambi;
- 7- Florinda Ngueve, localizada na comuna sede, bairro Kamupa;
- 8- JoãoMuenda, localizado na aldeia de Wasamã;

- 9- Jorgina Paula, localizada na aldeia de Chimanha;
- 10- Josefa Kassapi, localizada no sector de Cherequela;
- 11- Manuel Kangumbe, localizado na aldeia do Pau Seco;
- 12- Perta Bunda, localizada na aldeia de Kavolonga;
- 13- Rosa Nihova, localizada no sector de Nomdumbo;
- 14- Teresa Nihova, localizada na aldeia de Chihayo.<sup>5</sup>

Segundo a associação as curas mais frequentes são: Maluquisse, Mambali, Epilépsia, infertilidade para a procriação e Mina tradicional, vulgo Tala.

---

<sup>5</sup> João Kessogo, secretário da Associação dos terapeutas tradicionais do Kutenda, aos 21 de Março de 2022.

**CAPÍTULO II – A ORIGEM DO ALAMBAMENTO NOS  
OVIMBUNDU DE KUTENDA**

## CAPÍTULO II – A ORIGEM DO ALAMBAMENTO NOS OVIMBUNDU DE KUTENDA

### 2.1- A Origem do Alambamento nos Ovimbundu do Kutenda

Os *Ovimbundu*, são povos que encontram-se no planalto central de Angola. A Norte, confinam com os *Ambundu*, a Sudeste, com os *Va-Ngangela*; a Este e Sudeste dos *Va-Ngangela*, seguem-se-lhes os seus afins: os *Va-Luchaze*. A Sul dos *Ovimbundu* encontram-se os *Va-Nyaneka-Humbi* (Mbambi, 2014).

Segundo dados mais recentes da Ciência Histórica, os *Ovimbundu* existem no planalto central desde o século XV ou XVI.

Segundo Batsikama, o termo alembamento é aportuguesado vem de Lemba: *que quer dizer que pede a mão da futura noiva. Alembada, é a noiva. Conceituou o termo cultural como a identidade do homem que a constituição defende.*

Sobrevoando o habitat dos Ovimbundu, podemos confirmar o território actual da seguinte maneira: entrando por Porto Amboim em direcção a Este, passa-se por Mungu e Ndulu (Andulo), depois desce-se a Sudeste, passando por Kamakupa (Bié) e Chicomba, a seguir toma-se a direcção Oeste, passando por Kaimbambo até ao litoral <sup>6</sup>De salientar que esta abordagem mostra-nos as zonas onde podemos encontrar os Ovimbundu, e Chicomba não ficou de parte na instalação destes povos em particular na comuna do Kutenda.

Segundo o etnólogo Stermann, (1983), “no centro de Angola temos a grande tribo dos Ovimbundu, tendo como eixo a região do Huambo, tribo mais forte e homogénia. A quando da ocupação colonial, encontrava-se fraccionada em pequenas Monarquias, mas mantendo sempre os mesmos costumes, falando a mesma língua e praticando a endogamia tribal”.

Os *Ovimbundu* actualmente são constituídos por mais de quinze etnias que são: Os *Va-Mbui*, *Va-Pinda*, *Va-Sandji*, *Va-Mbalundu*, *Va-Ndombe*, *Va-Ciyaka*, *Va-Wambo*, *Va-Viye*, *Va-Hanha*, *Va-Kakonda*, *Va-Sambu*, *Va-Ndulu*, *Va-Nganda*, *Va-Ngalangi*,... <sup>7</sup>

---

6 Primeiro encontro Nacional sobre a autoridade Tradicional em Angola, p.99.

7 6- Primeiro encontro Nacional sobre a autoridade Tradicional em Angola, p .99.

Falar dos *Ovimbundu* é falar de um grupo de origem bantu em que a sua maior concentração está confinado no planalto central de Angola.

O nosso tema foca sobre o alambamento na comuna de Kutenda, facto que tem causado várias divergências na opinião de muitos estudiosos e não só. Sobre o alambamento no Kutenda segundo o mais velho Kundi, chefe do sector disse, este gesto já encontramos, “significa entendimento entre as duas famílias, principalmente a família do pretendente, ao querer pensar de quando é duro criar uma criança tendo em vista as dificuldades apresentadas. De forma simbólica pensou-se de dar uma coisa para alegrar os pais da miúda que queremos para casar”.

Parafraseando isto mostra dignidade e respeito que a família do noivo tem para com a noiva pretendida, pois eles pensam que os pais ou os encarregados criaram-na desde pequena e levá-la sem dar-mos nada é falta de consideração, para tal temos de dar algo que venha dignificar a família por terem criado a nossa futura mulher.

O casamento tradicional é um processo em que os aspectos económicos, sociais e religiosos, estão muitas vezes misturados, sendo por isso difícil eliminar a linha divisória das águas.

Falando da origem do alambamento nos *Ovimbundu* do Kutenda, segundo dados antigamente, quando um jovem gostasse de alguém a primeira coisa era dar a conhecer nos tios o seu sentimento por aquela pessoa, naquela altura não era permitido ter relações sexuais. Os tios do rapaz avaliavam o comportamento da moça e a sua linhagem familiar. Depois de chegarem a um acordo familiar os pais do pretendente, dirigiam-se aos pais da moça, alegando que seu filho gostou da filha deles e levavam um valor monetário, símbolo de união dos dois.

A partir daquele momento, os pais da noiva, levavam ao conhecimento da comunidade que a sua filha está ocupada e aumentam o controlo sobre ela. Passando algum tempo, os tios da menina enviavam a carta a discriminar os artigos que devem apresentar como dote (*alambamento*). A família do rapaz então prepara-se e marca a data do encontro com a contraparte, munidos dos

artigos e valores monetários exigidos pela família da moça como dote, (*Ovilombo*)<sup>8</sup>.

Entre estes artigos, há um fato do pai, outro para mãe, panos e roupas para as tias, um litro de aguardente, o *Owalende*<sup>9</sup>, um garrafão de vinho tinto, grades de gasosa, igual quantidade de cerveja e tabaco em rama ou volume de cigarros e fosfóros. A seguir dava-se conselhos de como viver na sociedade ambas famílias aos recém-casados.

Ghasarian, (1999), observa que na maior parte das sociedades tradicionais o casamento é acompanhado de transacções que marcam as relações entre grupos de parentesco que toma a forma de um dote ou de uma compensação matrimonial.

“O alambamento na minha óptica é um ritual mais importante que o casamento, e é muito importante que todo homem passe por isso” (Osvaldo, 2011).

Hacker (2012), discorda da opinião de Osvaldo, dizia. “Você é um louco queres que trocam a tua filha por 20 grades de cerveja e gasosa, mais 500 Dólar na carta, se for assim não adianta mais conversar com a sua filha, pego os meus 500 Dólar vou dar directamente no pai e digo vim comprar a tua filha”.

Concordamos com as informações supracitadas, que a sociedade actual tem aplicado cartas de pedido com a intenção de compensação pelo facto de sua filha ir viver com alguém, e este tem de dar muita coisa, pois a mesma será mulher dele e tem de gastar muito, facto que tem levado alguns a dizer que estão a vender a pessoa, pelo excesso de coisas que põe na carta, algo que foge da real essência do alambamento.

O professor Bahu, “afirma que é importante fazer uma breve análise sobre a compensação matrimonial, porque existe em muitas sociedades costume de trocar presentes antes do casamento”.

---

<sup>8</sup> Primeiro encontro entre as duas famílias.

<sup>9</sup> *Owalende*, bebida caseira e tradicional feita num tambor a base de cana-de-açúcar, ou maboque.

Segundo Walterp, (2012), dizia concordo que o alambamento seja uma cultura, mas nos últimos tempos noto que as famílias vendem suas próprias filhas, pede-se muitas coisas fora do normal como parabólicas, terrenos e muito mais.

## **2.2- O Alambamento nos Ovimbundu do Kutenda**

Segundo a anciã Teresa de 92 anos de idade, residente no Kutenda, ao falar do alambamento, disse que este acto vem desde tempos remotos. “Tem o sinónimo de agradecer o empenho dos pais, na educação e preparação de sua filha. Era um grande escândalo realizar o casamento sem dar nada aos progenitores”.

“O alambamento é extremamente importante para o futuro casal, visto que as duas famílias se entrosam através dos noivos e estes têm a possibilidade de ouvir os velhos conselhos e experiências que lhes serão indispensáveis na vida a dois. Por favor angolanos não percam está cerimónia tão especial, honrosa e inesquecível na vida e que nos identifica como angolanos” (Florindo, 2012).

No kutenda, o alambamento tradicional tem uma linguagem, tanto na família da noiva e na família do noivo. O que vai explicar o comportamento da futura noiva é a quantidade das coisas pedidas pela família dela. Assim, a menina se for preguiçosa, gatuna, boateira, apaixonadora ou outros vícios, a carta de pedido vem fraca e será o contrário se tiver um bom comportamento preciso, por mais que não for bonita a carta virá com todos itens que diz a tradição para o bom alambamento.

Na recepção do dote, a família da noiva ficará muita atenta, para observar cuidadosamente os bens trazidos. Nesta se a menina não for higiénica as peças de vestuário virão sujas e outro caso mais pesado é quando a menina, não conservar a sua castidade antes do encontro com o noivo. Aí, as garrafas de vinho virão tapadas a caroços de milho e não seladas, e os lenços furados, logo, as tias da menina pretendida, tem a responsabilidade de educar a menina em todos sentidos para não envergonhar a família no dia do alambamento.

Ghasarian (1999), afirma que “o dote representa os bens que a família da mulher dá na família do marido, mas este sistema dotal existe sobretudo na Europa e Ásia. Regra geral, quanto mais elevado o estatuto do rapaz, no caso de sua

educação, mais importante será o dote a pagar. Inversamente quanto mais elevado o estatuto da rapariga menor é o dote”.

### **2.3- O alambamento antes da colonização**

O que se entregava na família da mulher querida no Kutenda, era *4 ou 5 garrações de caporoto, pele de um animal precioso, bolas de tabaco ou cerra (...) cabaça de manteiga de vaca, que servia de vaselina para adorno corporal, quantidade de hidromel, cascas curtidas de árvores grandes que utilizavam de cobertores e vestuário, missangas de capim, óleo de semente de ríssimo, etc.* Isto variava de cada família.

A mais velha Wandj, de 92 anos de idade ao falar da importância do alambamento, explica que “era muito importante dar o alambamento na mulher que se pretende casar, dignifica a própria mulher querida, valoriza os pais da mesma, tal como a família do pretendente”.

Dizia ainda a Anciã, que todo casal que se unisse sem dar o alambamento, a mesma união não era reconhecida e valorizada, porque se a tia da noiva, a avó ou a prima mais velha encontrar um homem que quer da mulher, entrega esta que casou de forma ilegal ao novo homem que dá o alambamento por mais que vivesse maritalmente com alguém.

Ferrão, afirma que algumas pessoas pensam de negativo e desprezível sobre o alambamento, a prática deste ritual matrimonial remota aos primórdios da existência da humanidade. O alambamento é a cultura dos bantu, é o selo ou vínculo do casamento. O mundo Ocidental, apesar da dominação que exerceu sobre os bantu, reconhece a importância e o significado do alambamento. Da mesma forma que quem se junta a uma mulher para uma vida a dois, no mundo ocidental, sem cumprir com os pressupostos civis legais é tido como ilegal. Nas sociedades bantu, sem dar nada na família da noiva, o respectivo alambamento, é tido como intruso (ilegalista) e conseqüentemente desprestigiado, para além de outras implicações de ordem sociocultural.

Porquê cumprir com este acto?

Na convivência deste casal que se uniu sem dar o alambamento, tradicionalmente se a mulher tiver um amante, o marido de casa não tem o direito de reclamar, do mesmo modo se o marido arranjar uma amante fora desta união



a mulher com quem vive não terá motivos de fazer ciúmes, porque é considerada de uma que foi achada, sem família.

Conforme afirma Sapalo (2001, p 47), “o matrimónio dos *Ovimbundu* é uma aliança legítima entre as duas famílias, que unem linhagens sem a intervenção das autoridades. Dentro do grupo do marido, a mulher conserva e simboliza a presença do agregado e certifica a união da família”.

#### **2.4- Significado do alambamento**

Segundo a anciã Delfina, falou do significado e a linguagem que expressa o alambamento, é possível de compreender quem é, está mulher que queremos, qual o seu comportamento, qual a sua habilidade nas tarefas domésticas, familiares, social e muito mais.

Quiamesso, (1999, pp 78-79), afirma que “o alambamento tem um grande significado é a realização do enlace matrimonial tradicional, parte do profundo conhecimento das tribos pertencentes aos dois jovens que se vão unir. Depende portanto dos laços já existentes a partir dos antepassados”.

O alambamento é a união matrimonial acompanhada de uma formalidade ritual que confere o valor jurídico a união segundo o direito consuetudinário.

Uma mulher que a sua conduta é negativa em todas vertentes o peso de alambamento é fraco e se for o contrário a quantidade que se exige é elevada. Se a mulher querida não se comportar bem, a sua família receia ao pedir o alambamento, porque se esta mulher trair o marido, na incapacidade do novo namorado de devolver o alambamento, a família da traidora é obrigada a devolver, esta aceitação da família da mulher é para salvaguardar a sua filha, na possível vingança do marido traído.

“Gostamos de fazer casamentos luxuosos, que pode custar milhões por causa da indumentária, mas antigamente, os mais velhos tinham a experiência, não só primavam pelos valores físicos e materiais, como por uma educação moral irrepreensível, visto que o importante no casamento não era a festa que se realizava, mas o tempo de partilha no casamento” (Catiavala, 2001).

Parafraseando, o que se vê ultimamente são as ostentações nos casamentos, ter padrinhos ricos e muito mais. Ter a devida fama que o casamento do fulano

toda gente saiu de lá satisfeita, e esquecem da real importância do casamento desse novo lar o que fazer para que o mesmo seja sólido e dure a vida inteira.

## **2.5- A importância do alambamento depois da colonização**

A Anciã Cassinda de 92 anos de idade, ao falar do alambamento no Kutenda depois da colonização, ela reprova o sentido actual de como o casamento é feito. Lamenta como a juventude actual não se preocupa de cumprir os passos a seguir quando quer de uma mulher para casar. Reprova de igual modo, a atitude de fechar as miúdas nos quartos de seus namorados para os familiares da mesma em concordância com membros das igrejas, legalizar está união.

Segundo a Anciã este procedimento é o sinónimo de incapacidade financeira, falta de educação ou os que praticam isto, vivem fora das orientações de seus familiares.

Segundo o ancião José Kaivala de 87 anos de idade, o alambamento tem uma grande importância no Kutenda, pois, quando alguém pretende uma menina tem de dar alguma coisa para ter mais respeito, e considerar a sua verdade.

José Kaivala, afirma que actualmente as coisas que são entregue no alambamento que têm ocorrido no Kutenda são: *oito (8) grades de cerveja e gasosa, panos, fatos para os pais, um chapéu, sapatos, dois litros de óleo, sabão e pequeno valor de dinheiro.*

Os mais velhos no passado não deixavam que a sua filha casasse sem lhe dar nada. Para com a família do futuro noivo é mais para terem o respeito de que são potentes em economia, no facto de conseguir de dar tudo que lhes foram pedidos.

Trackback (2010), afirma que “o alambamento ou pedido é ainda uma tradição cultural bastante forte e mais importante do que o casamento civil ou religioso. O alambamento consiste numa série de rituais, como por exemplo a entrega de uma carta com o pedido de mão da noiva, ofertas em bens e por vezes até mesmo dinheiro”.

Concordamos com a frase supracitada, que quem dá o alambamento é bem visto na família da sua mulher, mostra que a mesma será bem tratada ao seu lado na parte económica e não só.

## 2.6- O valor do alambamento hoje

Hoje o alambamento perdeu o valor, a sociedade de Kutenda e em geral, não prevê as consequências vindouras na vida desse casal que se uniu sem o consentimento da família da miúda ou sem dar o alambamento exigido.

O possível perigo que pode acontecer com o casal cuja união é desconhecida por duas famílias é: *falta de procriação e morte precoce de crianças, por vezes provocadas por famílias da mulher, na tentativa de esperar até quando este marido e sua família vão reconhecer e respeitar os progenitores de sua noiva.*

Alguns familiares por falta de alambamento, como símbolo de valorizar a noiva sacrificam as crianças do casal até quando reconhecer os pais de sua mulher.

Segundo o mais velho Kundi, “hoje o que está em causa para nós é a medição de capacidades económica, isto é, na riqueza. Se o alambamento exigido na família do futuro noivo não conseguir é o sinal de não conseguir cuidar bem a nossa filha”.

O dia de hoje pode-se muito bem, casar a maneira tradicional, porque uma sociedade sem usos e costumes, não podem existir, basta ter paciência às etapas exigidas. Os valores monetários e os produtos que a família da noiva pede são símbolos. Mesmo que, em primeira vista é exagerada, isto é, para criar o clima ao diálogo.

Actualmente o alambamento é uma grande festa que se confunde com uma festa de casamento, pois envolve uma quantidade exagerada de bens, sobretudo alimentares. Em Cabinda por exemplo o alambamento é uma fortuna, é preciso dar 20 grades de cerveja, dez para cada lado, porque eles pedem tudo a dobrar, 10 grades para cada família paterna e materna, cada um faz a sua festa, um fato do pai uma peça de pano, um par de chinelas, dinheiro, vinho e muito mais.

Actualmente na comuna do Kutenda no alambamento entrega-se: grades de cerveja e gasosa, dois (2) litros de vinho, dez (10) kilogramas de fuba, uma galinha, um balde de quissangua e vaselina.

O alambamento tem grande valor, nunca se divorciar, se por acaso acontecer o futuro marido desta divorciada tem obrigação de devolver os gastos do alambamento.

## **2.7- Vantagens do alambamento tradicional no Kutenda**

No Kutenda, o alambamento tradicional tem muita vantagem. Para além de valorizar as duas famílias valoriza igualmente o futuro casal que se respeitam.

A principal vantagem do alambamento tradicional, consiste no facto das duas famílias comungarem ideias para solucionar os possíveis problemas e dificuldades deste recém-casado. A família da mulher dá mais respeito ao genro que deu alambamento, a própria mulher de seu marido obedece normalmente as orientações do esposo e seus sogros.

O alambamento é uma cultura que identifica o povo angolano, fico chateado com certas famílias que estão a estragar esta bela cultura, por favor não estraguem o que os nossos antepassados deixaram, ela faz parte da nossa identidade (Mungongo, 2011, p 89).

O alambamento marca o respeito para a família da mulher e que ninguém pode vir mais nessa mulher com a ideia de lhe pedir namoro.

Se a filha for alambada, no seu casamento, a família dela passa a confiar que o noivo e sua família irão de assumir a nossa filha nas possíveis dificuldades vindouras.

O alambamento é um ritual muito lindo e respeito, espero cumprir quando for o momento. Tal como uma sociedade que seja Angola também tem cultura própria e o alambamento se destaca entre as quais, casamento ritual ou simplesmente alambamento (Jorge, 2011 p 67).

Concordamos com Jorge, que o alambamento é um ritual que identifica o povo angolano, é necessário cumprirmos com este ritual, pois vem sendo praticado desde os nossos antepassados. O alambamento é nossa identidade cultural e temos de cumpri-lo como manda a tradição, conforme diz o eufuismo histórico, não existe povo sem cultura.

## **2.8- Desvantagens do alambamento tradicional no Kutenda**

O mais velho Kundi residente no Kutenda, disse que a desvantagem do alambamento “é no divórcio, a família tem a obrigação de devolver tudo que

havia recebido, se não conseguir, a filha fica escrava daquela família, continua a trabalhar dentro desta família, mas não é tida como casada”.

Em concordância com Kundi, muitas mulheres hoje não conseguem sair do seu casamento por mais que esteja a sofrer e passar necessidades porque a família do marido lhe banaliza dizendo que nós gastamos muito em ti quando íamos te buscar.

Outra desvantagem é o desrespeito da tradição, a perda da identidade neste caso boicotam a cerimónia, facto que tem originado conflitos de geração, em que muita das vezes os recém-casados são amaldiçoados que nos tempos a seguir, o casal vai observar uma sucessão de infelicidades que pode terminar num divórcio prematuro.

Quando alguns tentam de mortificar as suas mulheres, só porque foram alambadas. Essas mulheres, as suas reivindicações no que se refere ao sofrimento não são atendidas. Mas no Kutenda, há pouca desvantagem do alambamento tradicional.

Quando não dares nada não és considerado, não és capaz para casar com a filha alheia. Se casarem-se sem nada, havendo a separação não terás nada para te devolver (Kundi, morador de Kutenda).

Outro facto que tem causado desvantagem no alambamento actualmente são as coisas excessivas que põe na carta, como 100 mil kwanzas, pedir terreno, pagar o sinal da televisão e muito mais, coisas que não fazem parte da essência do alambamento.

## **2.9- O alambamento na cultura Nhaneka-Humbi de Kutenda**

Não queremos terminar o nosso trabalho, sem falar um pouco do alambamento tradicional na cultura *Nhaneca*, pois os mesmos constituem a maioria da população do Kutenda e não só, são os autótenes da região em destaque.

A origem do alambamento nos *Nhaneca*, remota desde tempos imemoriais, segundo o ancião José Nepolo, afirma que este processo vem há muito tempo. Tem como sentido de respeitar-se entre as duas famílias.

Segundo Nepolo, explica que na cultura *Nhaneca-Humbi*, o processo de alambamento cumpre 5 fases:

1- *okupopefa*; <sup>10</sup>

2- *Onomañgwa*; <sup>11</sup>

3- *Okusaeka*; <sup>12</sup>

4- *Okupula oseo*; <sup>13</sup>

5- *Okulomba*. <sup>14</sup>

O alambamento tem uma grande importância na cultura *Nhaneca*, pois que todo homem que cumprir com esta fase é respeitado pelas duas famílias e na sociedade.

Os *Ovanhaneka* do Kutenda antes do colono, entregavam no alambamento, *uma cabaça de macau, um garrafão de canhome e mais dois (2) litros de canhome levados a parte, levavam a manteiga de vaca o (ongundi), bebida típica da cultura Nhaneka Humbi, o conjunto disto é que se chama de “onomañgwa”. Os dois litros significavam as mamas que leitam a noiva.*

Actualmente, entrega-se grades de gasosa e cerveja, litros de vinho e outros necessários, mas só para aquele que respeita a cultura, alguns só levam a mulher sem dar nada aos pais esquecendo o perigo que o futuro pode trazer.

Alguns pedem uma quantia monetária, este ato tem muita importância, visto que dificilmente era notado o divórcio porque as duas famílias alegres estarão na mesma ideia de ajudar o novo casal naquilo que acham de dificuldade.

---

<sup>10</sup> Primeiro é o encontro de duas famílias a favor do futuro namoro de seus filhos.

<sup>11</sup> É a entrega simbólica de alguma coisa aos pais da namorada, para preservar e vedar a namorada.

<sup>12</sup> que é a apresentação pessoal do namorado a família de sua namorada

<sup>13</sup> pedir a carta de pedido.

<sup>14</sup> levar a noiva para sua casa.

As vantagens deste tipo de alambamento é que havia respeito, e não aparecia gravidez precoce.

A desvantagem só há quando a própria mulher tiver um comportamento negativo sem pensar pelo gasto.

## **2.10- Fases do alambamento tradicional na cultura Nhaneka-Humbi**

Na Cultura *Nhaneka-Humbi* segundo o mais velho André Wehunga de 89 anos, explica que o rapaz antes de casar os pais tinham que ver a habilidade do mesmo em todos os serviços domésticos como: abrir uma lavra, cuidar dos rebanhos, dominar a agricultura, saber construir casa e outros abrigos, ter uma boa conduta na sociedade. Depois chamava-se a tia do mesmo, a prima para avaliarem uma família onde é possível tirar uma mulher para o seu filho sem este dominar do assunto.

Se a menina ficar grávida antes de ser alambada, o rapaz é chamado de quem não passou pela porta, pulou a janela e é aplicado uma multa ao mesmo para além do alambamento exigido, mas tudo passava dentro do consentimento de ambas famílias.

O casamento que não foi dado nenhum alambamento pode causar morte, de um dos cônjuges. Mas se for a noiva a morrer em algumas famílias no momento de ir ao funeral, antes de partir de casa a família do noivo é exigida uma multa e depois o alambamento. Por isso é importante dar o alambamento e não ter pressa de casar (Wehunga, 89 anos de idade).

Falar das fases de alambamento dos *Ovanhaneca-Humbi*, o mais velho José Nepolo residente no Kutenda explica as mesmas fases dizendo:

A primeira fase é (*Okupopefa*), que é o encontro de duas famílias a favor do futuro namoro de seus filhos.

A segunda fase é chamada de (*Onomañgua*), que é a entrega simbólica de alguma coisa aos pais da namorada, para preservar e vedar a namorada, na possível tentativa de ter ou ser pretendida por um novo namorado.

A terceira fase é chamada de (*Okusaeka*), que é a apresentação pessoal do namorado a família de sua namorada e que essa fase já abre a possibilidade da miúda sair junto o seu namorado ou viajar para onde o namorado estiver.

A quarta fase é (*Okupula Oseo*), nesta, a família do namorado pergunta o que podem trazer e a quantidade das coisas a apresentar no dia do alambamento.

A quinta fase e última é (*Okulomba*), fase esta, que a família do namorado é autorizada levar a miúda, mas antes é a apresentação daquilo que foi pedido como alambamento.

Wehunga explica as estações feitas no dia de ir buscar, a noiva que é a última fase e esta tem ocorrido da seguinte maneira:

1º A auto apresentação das duas famílias presentes no encontro;

2º A narração do processo de namoro destes nubentes, desde a primeira fase até a quinta que é a última;

3º A apresentação da quimbala chamada de (*ongandala*)<sup>15</sup> que contém as mínimas condições da cozinha e utensílios domésticos, onde não pode faltar a zagaia, ou o purrinho, símbolo de defesa e caçador, mas tudo que a quimbala traz é explicado pelo chefe da emissão da família do noivo;

4º A apresentação do alambamento exigido à família do noivo, sem reclamações por parte da família da noiva, já é possível de lhes entregar a noiva querida, quem faz esta entrega é o tio ou tia da noiva ao chefe da família do noivo;

5º Momento de dar conselhos úteis que é (*ovilongua*)<sup>16</sup> não só para os nubentes mas também para as duas famílias e amigos deste novo casal, de maneira a perdurar a estadia e firmeza e sem desvios;

---

<sup>15</sup> Sítio onde a família do noivo coloca alguns bens que representam a cozinha como a quissangua e dinheiro no fundo da cabaça, símbolo de que onde a noiva irá não encontrará fome.

<sup>16</sup> Momento de ensinamentos e conselhos de ambas famílias de como vive-se no lar para os noivos.



6º Finalmente é o momento de almoço de confraternização de ambas famílias, confeccionado pela família da noiva acompanhado de músicas, danças, teatros, mensagem de felicitações e muito mais.

## **CONCLUSÕES E SUGESTÕES**

## **Conclusões**

O presente estudo que descreveu sobre a origem do Alambamento nos *Ovimbundu* de Kutenda conduziu-nos às seguintes conclusões:

- ❖ O alambamento significa o entendimento entre as duas famílias principalmente a família do pretendente, ao querer pensar de quando é duro criar uma criança tendo em vista as dificuldades apresentadas;
- ❖ Na comuna do Kutenda anteriormente quando um jovem gostasse de Alguém a primeira coisa era dar a conhecer nos tios os seus sentimentos por aquela pessoa e não era permitido o encontro ocasional;
- ❖ A desvantagem do alambamento “é no divórcio, a família tem a obrigação de devolver tudo que haviam recebido, se não conseguir, a filha fica escrava daquela família, continua a trabalhar dentro desta família, mas não é tida como casada”.;
- ❖ Existem vários tipos de alambamentos de acordo a cultura e região de cada um;
- ❖ O alambamento marca o respeito para a família da mulher e que ninguém pode vir mais nessa mulher com a ideia de lhe pedir namoro.
- ❖ Registamos baixo domínio sobre o tema, que pensamos ser resultado da escassez de bibliografia, carência de palestras, debates radiofónicos e televisivos e a não inclusão do tema no programa de Antropologia Cultural.

## **Sugestões**

Com base nas conclusões supra descritas sugerimos que:

- Se inclua o tema no programa de Antropologia Cultural do 3º ano do Curso de História, na Unidade II;
- Que todos acadêmicos, essencialmente especializados em História e Antropologia realizem mais estudos acerca do tema em causa, a fim de aprofundarem o assunto estudado;
- Que as famílias, a escola e as redes de comunicação social e outras organizações sociais incluam nos seus programas debates sobre o assunto.
- O presente trabalho visa contribuir no enriquecimento da bibliografia sobre o tema, pelo que sugerimos a inserção do tema no programa de Antropologia Cultural, pela sua pertinência.
- A Repartição de História em consonância com a área científica, deve promover palestras e Jornadas científicas, a fim de apurar o necessário para o melhoramento dos conteúdos já existentes e ministrados.

## **BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

- Altuna, R (1993)**, *Cultura tradicional Bantu*, Porto-Portugal. 2ª (Ed.)
- Altuna, R.R. (2006)**.*Cultura Tradicional Bantu*, Prior Velho. Paulinas.
- Alves, A (1951)**, *Etnografia Bantu*, Curitiba, Brasil. (Ed.)
- Bahu, A. P.H (2013)**, *Os Quadros Angolanos em Portugal*, Integração e Retorno, Calibri, Angola. (Ed.)
- Barroso et al CUNHA, (s/d)**, *O Alambamento tem Origem na Língua Quimbundu*.
- Batsikama, P. (2014)**, *A Democracia no Antigo Congo*, Mediapress, Brasil. (Ed.)
- Batsikama, P. (2017)**, *O Legado de José Eduardo Dos Santos Para a 3ª Republica*, Mayamba, Angola. (Ed.)
- Cabral, J, P. de (1991)**, *Os Contextos da Antropologia*, Luanda, Angola. (Ed.)
- Catiavala, A. (2001)**, *Etnografia do Sudoeste de Angola*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Chicoadão. (2010)**, *Direito costumeiro e Poder Tradicional dos Povos de Angola*, Luanda, Angola. (Ed.)
- Cunha, E. (2014)**, *Etnografia Angolana “1935-1939”*, Porto, Portugal. (Ed.)
- Delgado, R (1948)**, *História de Angola*, Porto, Portugal. (Ed.)
- Diniz, F.O.J. (1915)**, *Etnologia dos povos de Angola*, Mercado e Letras, Portugal. (Ed.)
- Elizabeth, c. V (2005)**, *O Estatuto do Indigenato, Chá de Caxinde*, Angola. (Ed.)
- Estermann C. (1935)**, *Notas Etnográficas Sobre os Povos Indígenas do Distrito da Huíla*, Lisboa, Portugal. (Ed.)
- Estermann C. (1941)**, *Contribuição dos Missionários do Espírito Santo para Exploração Científica no Sul de Angola*, Curitiba, Brasil. (Ed.)

- Estermann, C. (2012)**, *Etnografía do Sudoeste de Angola*, Janus, Brasil. (Ed.)
- Fátima, M (1997)**, *Reflexões Sobre o Casamento na Sociedade Nhaneka-Humbi*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Fernando, V. M (1993)**, *A Identidade Cultural numa sociedade pluriétnica*, Curitiba, Brasil. (Ed.)
- Francisco V (1985)**, *A Problemática do Matrimónio Tribal*, Lisboa, Portugal. (Ed.)
- Gomes, C, A Et Al Ramos, J, B (2011)**, *Direito da Cultura e o Património Cultural*, Lisboa, Portugal. (Eds.)
- José, R (1973)**, *Etnografia e Etnologia de Angola*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Lang, A. et al Tastevin, C (1938)**, *Etnografia da Tribo dos Va-Nyaneka*, Paris, França. (Ed.)
- M.A.T, Ministério da Administração Do Território (2003)**, *1º Encontro Nacional sobre Autoridade Tradicional em Angola*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Macaí I. J (2003)**, *O Primeiro Encontro Nacional Sobre a Autoridade Tradicional em Angola*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Marconi M Et Al Lakatos, E, M (2011)**, *Metodologia científica*, São Paulo, Brasil. (Eds.)
- Melo, R (2005)**, *“Nyaneka-Nkhumbi”, Uma Carapuça não Serve aos Handa, Nem aos Nyaneka, Nem aos Nkhumbi*, Paris, França. (Ed.)
- Melo, R (2007)**, *Identidade e Género entre os Handa no Sul de Angola*, Nzila, Angola. (Ed.)
- Moisés, M (S/D)**, *O Casamento ao Longo Dos Tempos*, Paris, França. (Ed.)
- Mundombe, A (S/D)**, *O Casamento Tradicional na Cultura Umbundu*, Jornal de Angola. (Ed.)

**Ngalo, J (2015),** *O Casamento Ovimbundu*, Nzila, Angola. (Ed.)

**Santos, V (2017),** *Representação Simbólico da Cerimônia de Casamento Tradicional*, Rio de Janeiro, Brasil. (Ed.)

**Serrano, C (1992),** *“Angola” O Discurso do Colonialismo e a Antropologia Aplicada*, São Paulo. Brasil. (Ed.)

**Ucandi, A (2007),** *A Herança nas famílias Umbundu e Nyaneca Humbi*, Porto, Portugal. (Ed.)



## **ANEXOS**

## ANEXOS

Imagem 1 e 2: Entrevista com José Cavala.



Foto tirada por Víctor, no dia 08 de Julho de 2022, às 09 horas e 30 minutos.

Imagem 3 e 4: Entrevista com o soba grande Cambuta.



Foto tirada por Víctor, no dia 09 de Julho de 2022, às 10 horas e 15 minutos.

Imagem 5: Entrevista com o Sr. João Cundi, Administrador do sector do Kutenda.



Foto tirada por Vítor, no dia 09 de Julho de 2022, às 11 horas e 10 minutos.

Imagem 6 e 7: Entrevista com o Administrador Comunal do Kutenda, António Chiloia Canivete.



Foto tirada por Vítor no dia 09 de Julho de 2022, às 09 horas e 25 minutos.

Imagem 8 e 9: Apresentação de ongandala e grades trazidas pela família do pretendente na Comuna de Kutenda.



Foto tirada pelo Amado, no dia 10 de Outubro de 2021.

Imagem 10 e 11: As tias da Noiva tirando as coisas trazidas pela família do noivo; ao lado conversando com as noivas após serem alambadas na comuna do Kutenda.



Foto tirada pelo Amado no dia 10 de Outubro de 2022.

### MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CHICOMBA

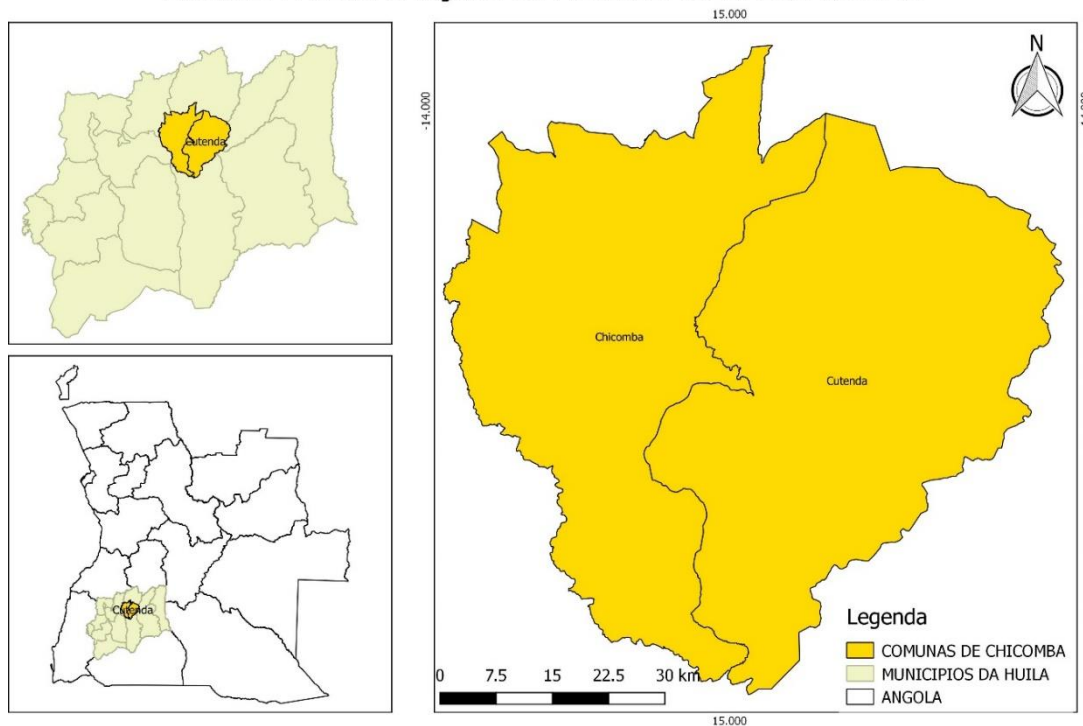


Imagem 12: Mapas de representação de Angola, Província da Huíla, Município de Chicomba, Comuna de Kutenda.